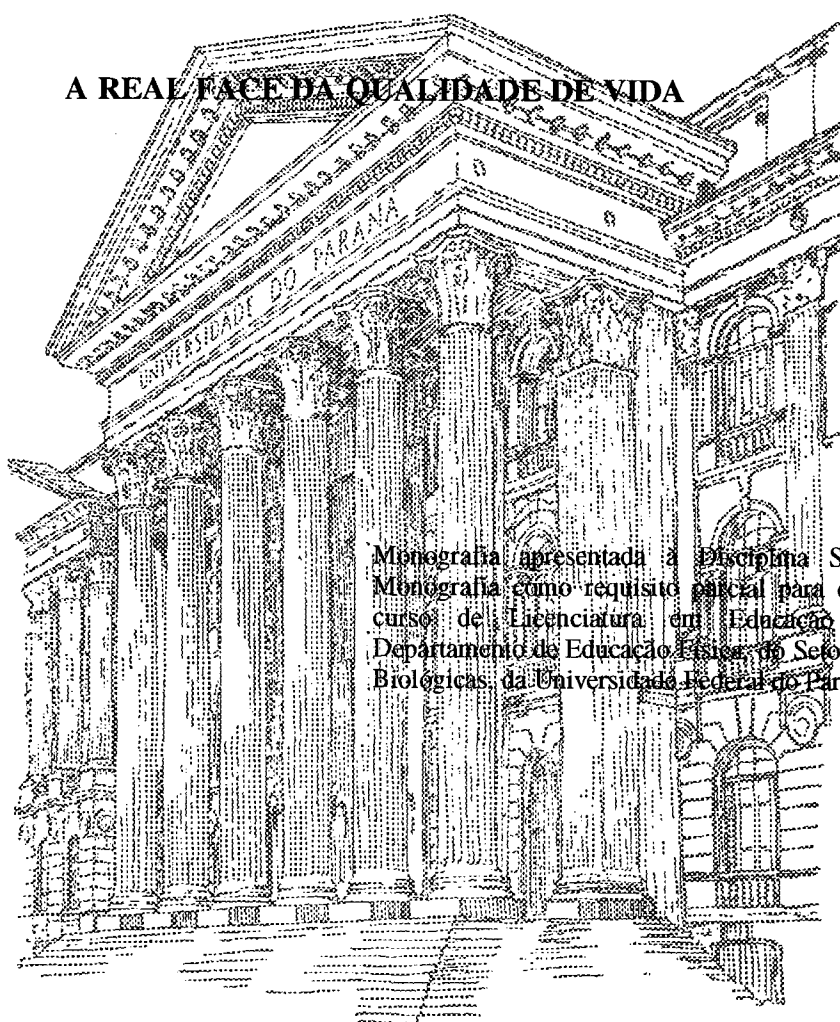


SYLVIA CRISTINA LAMBERTUCCI

A REAL FACE DA QUALIDADE DE VIDA



Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA
1999

SYLVIA CHRISTINA LAMBERTUCCI

A REAL FACE DA QUALIDADE DE VIDA

Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

ORIENTADOR: PROFº MESTRE ROGÉRIO GOULART DA SILVA

DEDICATÓRIA

“Dedico esta monografia ao meu querido esposo Vandi e à minha pequena filha Bruna pela compreensão e amor que vieram a contribuir na elaboração deste trabalho.”

AGRADECIMENTOS

Agradeço, a Deus, por ter me proporcionado força e inspiração para chegar até aqui.

Ao meu esposo, que me incentivou e mesmo sem compreender entendeu a minha ausência.

A minha querida filha Bruna, que nas horas mais difíceis me fazia sorrir.

A minha família, em especial meus amados pais, pelo amor e minha formação.

A minha querida sogra Erotides, que mesmo não estando entre nós, jamais esquecerei do seu amor e carinho.

Ao meu orientador que me encaminhou para a realização desta pesquisa.

A todos que de alguma forma vieram a contribuir para minha formação pessoal e profissional.

SUMÁRIO

RESUMO.....	v
1. INTRODUÇÃO	01
1.1 PROBLEMA.....	01
1.2 JUSTIFICATIVA	01
1.3 OBJETIVOS.....	02
1.3.1 OBJETIVO GERAL	02
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	02
2. REVISÃO DE LITERATURA	03
2.1 Alienação e ocultação da realidade social.....	03
2.1.1 Sociedade	03
2.1.2 Capitalismo.....	05
2.1.3 Trabalho	07
2.1.4 Globalização	11
2.2 Atividade Física e Qualidade de vida.....	15
3. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO	19
4. CONCLUSÃO	20
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	22

RESUMO

Esta pesquisa tem por escopo apresentar uma visão de sociedade que abarca as relações de produção de um discurso sobre a qualidade de vida em função do processo de globalização. Um discurso que está sendo direcionado à saúde e performance, adquirindo vital importância no mercado da cultura corporal. O que representa, em termos sociais uma movimentação muito grande de interesses voltados para a economia do mercado. À partida, a análise desse processo, tem direção à reflexão daqueles a quem o discurso deveria trazer resultado.

No estudo dos artigos, textos e propagandas, o documento a ser elaborado, levantará questões importantes para a discussão dos valores que a mídia forja nesta nova sociedade.

Palavras-chave: Qualidade de vida, globalização, capitalismo, saúde, atividade física e trabalho.

1. INTRODUÇÃO

1.1 PROBLEMA

“A tempos são os jovens que adoecem”
Renato Russo (Banda Legião Urbana)

Com o avanço da ciência nos estudos do funcionamento do corpo humano, as pessoas têm recebido em suas casas, através da mídia televisiva, informações gerais para manutenção da saúde e bem estar, na qual o tema qualidade de vida é veiculado como discurso que atinge todas as camadas sociais. Porém, no cinismo da mídia, abre-se a possibilidade do desvelamento da sua própria contradição, pois saúde e qualidade de vida, em tempos de globalização, aponta-nos para o debate sobre a equidade social, uma vez que os tempos modernos demonstram um profundo desequilíbrio ambiental e social.

Isto nos permite levantar a seguinte questão:

Que tipo de relações são estabelecidas na produção do discurso da qualidade de vida na entrada do terceiro milênio, uma vez que as desigualdades sociais estão cada vez maiores?

As propagandas assinalam a própria contradição do seu discurso nos mais variados produtos para o consumo. Isto nos indica uma questão a analisar, qual seja: Com que interesse os produtos estão sendo lançados no mercado? A quem é destinado o discurso da saúde e os produtos que prometem resultados milagrosos e a curto prazo? Devemos acreditar que os benefícios prometidos realmente ocorrem? E se ocorrem, é para todos?

1.2 JUSTIFICATIVA

No meio urbano, urge-se uma batalha pela saúde individual, não importa quais os caminhos e procedimentos necessários para atingir a boa qualidade de vida, bandeira mais

utilizada nos últimos anos. Em função dos interesses mais diversos, o comportamento social volta-se para preocupações excessivas com a performance, rendimento físico e estética corporal estreitamente vinculados com a saúde e qualidade de vida.

Observando-se a mobilidade social frente aos paelso da mídia, percebe-se a busca incessante do ápice da performance pessoal, rendimento físico e da busca do sucesso a qualquer custo. Neste frenesi, arrolam-se os mais variados interesses. È no estudo desses interesses, portanto, que este trabalho estará ocupado.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Levantar aspectos relevantes a respeito do tema. Qualidade de vida do homem contemporâneo e que podem encaminhar questões importantes no discurso do referido tema. Por exemplo, demonstrar que a qualidade de vida está vinculada a fatores sociais e não meramente a aspectos particulares do homem.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, a pesquisa debruça-se sobre propagandas, críticas, conceitos, opiniões e valores que a mídia veicula:

- Demonstrar e discutir os fatores sociais que influenciam na qualidade de vida do homem;
- Analisar a relação da atividade física como provedora da qualidade de vida ;
- Demonstrar que a qualidade de vida não tem significativa mudança baseada apenas na prática de exercícios.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Alienação e ocultação da realidade social

2.1.1 Sociedade

A história inicia com o homem que precisa sobreviver. Por ser racional ele produz meios de interagir com a natureza. Assim, este homem trabalha e cria relações, instrumentos e técnicas mais complexas, transformando-se e emancipando-se do trabalho exploratório, melhorando seu modo de viver avançando na história (MORAES, 1998).

Ao viver em sociedade o homem estabelece relações que SEVERINO (1994) classifica como sendo “esferas da existência humana”, são três as esferas de existência: prática produtiva, prática social e prática simbolizadora. E que a inter-relação destas acabam por instalar o modo social de viver. Ou seja, na prática produtiva, pelo trabalho o homem interfere na natureza com vista a prover os meios de sua existência material, garantindo a produção de bens e a reprodução da espécie. Na prática social diz que ao produzir seus meios de subsistência, o homem estabelece relações entre si que são funcionais e caracterizadas por um coeficiente de poder. E na prática simbolizadora as relações produtivas e sociais são simbolizadas em nível de representação e de apreciação valorativa, no plano subjetivo visando a significação e a legitimação da realidade social e econômica vivida pelo homem.

A sociedade no Brasil é uma sociedade de classes, onde cada uma tem seus interesses. Para MALAGODI (1988) estes interesses são materiais próprios e antagônicos aos de outra ou de outras classes e que mais cedo ou mais tarde acabam se chocando, sobrevivendo então uma época de conflitos sociais. Segundo COLETIVO DE AUTORES (1992) estes mesmos interesses podem ser imediatos e históricos.

Na classe trabalhadora, os interesses imediatos correspondem à sua necessidade de sobreviver, à luta no cotidiano pelo direito ao emprego, salário, alimentação, transporte, habitação, saúde, educação, enfim, as condições dignas de existência. Quanto aos interesses históricos eles se expressam através da luta e da vontade política para tomar a direção da sociedade, construindo a hegemonia popular.

Para a classe proprietária estes mesmos interesses representam o outro lado da moeda. Ou seja, seus interesses imediatos correspondem às suas necessidades de acumular riquezas, gerar necessidade de garantir o poder para manter a posição privilegiada que ocupa na sociedade e a qualidade de vida construída a partir desse privilégio.

É no processo desta luta desigual entre as classes sociais, que a estrutura de poder se estabelece, determinando e prevalecendo grande parte do autoritarismo, da repressão, da corrupção e das injustiças sociais existentes entre nós (MEDINA, 1995). Ou seja, acredita-se que os indivíduos devem moldar-se às funções e exigências imposta pela sociedade, para isso promovê-se uma falsa democracia, que sustenta o privilégio dos que podem e mascara as desigualdades entre os homens.

A respeito da democracia DIMENSTEIN (1995), diz que; “Atualmente, o conceito de democracia significa não apenas direitos políticos iguais, ou seja, direito de voto, mas também maior acesso à renda nacional. Isso garantiria maiores condições de igualdade.”(p.55).

Com uma justiça social atuante se da condição para a cidadania, algo que deveria ser aprendido na escola, o que em geral segundo ALVES (1993), a mesma tem –se ocupado muito em preparar o educando para competir profissionalmente na sociedade de consumo e pouco em desenvolver atitudes críticas e estimulá-lo a influir mais diretamente na comunidade e participar dos destinos políticos de seu país.

O grande denominador comum das ciências numa sociedade consumista como a que vivemos parece ser muito mais a sua lucratividade e muito menos nossa qualidade de vida MEDINA (1995). Entende-se assim que toda a sociedade esta envolvida pela mentalidade do ter mais, mesmo que isto signifique ser menos, fortalecendo cada vez mais as regras do capitalismo. Este sistema opera insistentemente na imagem, pois no mundo moderno a aparência é relacionada com a qualidade.

2.1.2 Capitalismo

A sociedade contemporânea é predominada pelo modo de produção capitalista. Ou seja, os meios de produção se encontram nas mãos de indivíduos particulares, detentores do capital, formando assim uma classe específica no interior da sociedade (SEVERINO, 1994). Do outro lado, encontra-se o proletário, aquele que dispõe somente da sua força de trabalho para sobreviver.

Sendo a burguesia classe dominante no capitalismo, ela faz com que a lei lhe garanta um direito no papel, pois dispõe na prática de condições materiais necessárias para exercê-lo. Se lhe for garantido o direito à vida, terá como assegurá-lo, pois financeiramente tem o suficiente para bem se alimentar, se agasalhar, se abrigar, etc..., e se lhe for assegurado o direito a propriedade terá facilidade em adquirir casas, terrenos, fazendas ou empresas e até pagar pessoas especializadas para defender seu patrimônio (ALVES,1993). Sendo ela detentora do poder institucionalizado, se satisfaz na medida que consegue manter mais ou menos intacta a ordem social por ela projetada em defesa de seus privilégios (MEDINA,1995). Já para a classe trabalhadora a teoria na prática é outra. Teoricamente todos temos os mesmos direitos como cidadão, o que não ocorre na prática, onde as desigualdades são cada vez mais acentuada.

Tendo a lei ditada pela elite, ela passa a inviabilizar ao oprimido reagir contra a opressão. Os juizes e tribunais recrutados entre a classe dominante são aparelhados para o exercício de uma justiça de classe. Levando assim, a classe oprimida, pelo capitalismo, ao esgotamento de sua capacidade de suportar a opressão (MALAGODI,1988). Ou seja, as autoridades que se dizem servir a sociedade, na verdade servem para intimidar cada vez mais o cidadão oprimido.

O mesmo autor diz que, para que o capitalismo pudesse vir ao mundo, muitos métodos de violência foram empregados como atividades de rotina. Temos como exemplo a violência

policial, militar e a mais grave de todas, a violência econômica e política, a qual não fazem questão de esconder suas verdadeiras intenções.

Segundo ALVES (1993), anúncios publicitários, filmes e novelas fazem intensa propaganda da sociedade de consumo, induzindo-a a canalizar esforços no sentido de adquirir as mercadorias e, com elas, as promessas de acesso mais fácil ao prazer e poder.

Essa idealização do consumo leva o indivíduo a se submeter aos valores sociais dominantes e não a questioná-los, aceitando, assim, as desigualdades sociais como coisa natural.

Para o mesmo autor acima, em vez de desejar modificar a sociedade, engajando-se, para isso, em projetos de luta coletiva, o indivíduo se lança de corpo e alma a tarefas individuais de promoção pessoal e até a competição com seus iguais no sentido de alcançar uma posição social melhor, ainda que isso signifique apenas ser “o melhor entre os piores”.

Outro papel que os meios de comunicação desempenham, sobretudo a televisão, é o de desestimulador de engajamentos políticos que representam perigo para a manutenção da atual ordem social, omitindo a existência e o trabalho de grupos organizados, minimizando suas vitórias, super-valorizando suas derrotas, ridicularizando ou até mesmo apresentando-os como perigosos para a ordem e a tranquilidade da nação (ALVES, 1993).

Todas as estratégias utilizadas pelos meios de comunicação, servem para evitar que os não privilegiados se conscientizem de que seus direitos políticos não se esgotam no momento do voto, e seus deveres não se limitam apenas ao pagamento de tarifas e impostos e à observância de regras de conduta que os caracterizem como cidadãos bem comportados, confundido com um “bom cidadão”.

ALVES (1993) diz que; “...precisamos com urgência garantir que nossas cidades e todo o país sejam administrados a favor da coletividade, e não segundo os interesses econômicos dos poderosos.” Para alcançar esta realidade é necessário que o cidadão perceba

a relação da prática produtiva com a prática simbolizadora enquanto representações do seu trabalho.

2.1.3 Trabalho

Os problemas sociais que atinge diretamente no bem estar do cidadão, estão relacionados com a concentração da propriedade, renda e poder nas mãos de poucos, os quais determinam a subordinação política da maioria, que vende sua força de trabalho e vive de salários (ALVES,1993).

Numa sociedade onde a maioria das pessoas são obrigadas a vender sua força de trabalho e viver de salários, acabará por formar cidadãos alienados e cada vez mais afastado dos centros de decisões políticas. enquanto isso o domínio do poder ficará cada vez mais nas mãos da elite dominadora.

“... é por estas e outras razões que a política, sendo uma instituição de poder constituído , com influencia no comportamento dos indivíduos, não pode ficar ausente dos problemas de seus cidadãos. E se por verdade, esta instituição através de seu poder, procura controlar, moldar e preservar a sociedade com algum significado direto ou indireto aos interesses e aspirações de seus representantes, fica claro que é necessário penetrar melhor neste entendimento para saber até que ponto estes interesses vão ao encontro de todos que compõem o corpo social da Nação.”(MEDINA, 1995, p. 30)

Para MEDINA (1995), todo indivíduo que depende do seu trabalho vive num contexto sócio-cultural, político e econômico, e a ele está condicionado. Não devendo, portando, ficar alheio a esta realidade se sua pretensão é a de compreender estes condicionamentos e por meio deles transformar o injusto e desumano que lhe afetam. Ou seja, os homens como um todo devem se fazer sujeitos da história, e não objetos, não devendo ficar alheio às situações que o envolvam e o condicionam.

“Qualquer que seja a especialidade do homem que trabalha, sua tarefa deve ser percebida dentro da totalidade em que funciona. Caso contrário, torna-se atividade alienante, fazendo com que aquele que a desempenha se caracterize mais como objeto do que como sujeito, dono do seu próprio processo existencial” (MEDINA, 1995 , p.29 e 30).

Tanto o homem como o animal lutam pela sua existência, mas somente o homem é capaz de agir conscientemente e assim transformar seu ambiente. Para ele o trabalho vem ser o símbolo de sua transformação, significando a construção da sua história. Neste momento todo o seu pensar estará em ação.

Muitos filósofos dizem que a melhor definição do homem é o trabalho. SEVERINO (1994) diz que, o homem trabalhando na condição de animal de carga ou máquina, não consegue retirar satisfatoriamente da natureza, em quantidade e em qualidade adequadas, todos os elementos de que necessita para manter sua existência material, sua vida e sua reprodução. Ficando então comprometida a mediação fundamental de sua existência.

Não é difícil de comprovar que na prática quanto mais explorado for o trabalho humano, menos condições de satisfação pessoal este ser terá. Ou seja, para o operário que tem baixa renda e alto nível de dedicação ao seu trabalho, piores serão suas energias e menos condições terá de viver para si e suas satisfações pessoais. Além disso, trabalhando mais, criará mais riquezas, aumentará antes a força do capital, sem com isso ter necessariamente qualquer benefício (MALAGODI, 1988).

Sabe-se que a construção de uma sociedade mais justa e equilibrada não é fácil nem imediata. ALVES (1993) argumenta que, para isto acontecer é preciso que haja um aprendizado longo e doloroso, exigindo organização e mobilização de muitas pessoas em torno de projetos sociais radicais, levando a população à prática da participação política. Seria necessário a efetivação de medidas políticas urgentes de combate à pobreza, garantindo um mínimo de dignidade à vida de cada indivíduo, para que ele venha a ter condições de estender mais além o horizonte de suas necessidades e reivindicações. Enfim, o cidadão precisa comer, se abrigar e sobreviver, para perceber que, como ser humano, há outras coisas às quais pode e deve aspirar.

Para MEDINA (1995), a simples observação dos fenômenos sociais que nos envolvem é insuficiente para compreendê-los. Se ficarmos como mero espectadores, não haverá nenhuma transformação significativa. Ele diz que:

“Cabe a cada um procurar elevar a níveis cada vez maiores de consciência, desenvolver e enriquecer o processo de consciência coletiva que levará o homem , através da ação a buscar sempre a sua realização plena, melhorando assim a qualidade de vida de sua sociedade.”(MEDINA,1995, p. 28)

Para manterem suas necessidades básicas, o cidadão se vê obrigado a doar suas benfeitorias aos aproveitadores da situação.

Este tipo de trabalho vem gerar uma degradação do verdadeiro significado da palavra. Para isto , SEVERINO (1994) diz que “embora o trabalhador assalariado seja considerado um trabalhador livre, na verdade ele aliena o produtor direto, no caso o trabalhador, que fica separado tanto dos meios de produção como dos bens produzidos.”

A alienação no trabalho pode ocorrer quando o trabalhador não mais dispuser dos meios de produção e nem do retorno dos bens produzidos, bem como a não participação do projeto do próprio produto. Ficando o mesmo reduzido a condição de mero aplicador mecânico de sua energia física. O que certamente ao chegar no limite, tal situação o transformará em escravo. Tendo apenas como compensação de seu trabalho a reposição da energia desprendida através da alimentação e de alguns elementos básicos para sua sobrevivência (SEVERINO, 1994).

Conforme o mesmo autor o homem que trabalha na condição de simples instrumento vai-se desgastando, se desumanizando, perdendo sua essência de homem, essência que é apropriada por um outro de si.

O ato de dominação implica na busca da realização própria mediante alguma forma de anulação do outro. Para MEDINA (1995), a vida concreta dos indivíduos tem se revelado, em grandes proporções, de forma determinada, condicionada e alienada do mundo em que vivem,

com poucas chances de superação desta situação a partir da qual os homens poderiam se realizar.

A auto-estima do homem é muito importante, pois reflete em tudo o que ele faz: trabalho, relacionamento com amigos, família etc. Portanto, estar satisfeito consigo mesmo pode vir a caracterizar uma possibilidade de atingir um bom nível de qualidade de vida.

É necessário que nossos governantes se lancem com grande empenho à concretização de políticas inadiáveis no sentido de criar e garantir empregos, elevar os níveis salariais, estender e melhorar a rede de serviços públicos e equipamentos de uso coletivo, redistribuir os recursos arrecadados via impostos na forma de benefícios prestados à população mais carente.

A maioria dos esforços para definição de indicadores de bem estar social ou qualidade de vida, deve ser baseado pela avaliação de políticas públicas.

Questões referentes à trabalho, saúde, habitação, educação, saneamento, devem ser alguns dos indícios a serem avaliados na finalidade de demonstrar as condições de vida de uma população.

Segundo o artigo da revista VEJA (06/10/99), a Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados, Seade, um instituto de pesquisa ligado aos sindicatos, divulgou um estudo em São Paulo, mas que não deixa de acontecer no mundo inteiro, a distância entre ricos e pobres está aumentando. Ou seja, a desigualdade social esta chegando ao seu ápice.

Para o especialista americano JEREMY RIFKIN, no seu livro “O Fim do Emprego”, o desemprego atinge agora os níveis mais elevados desde a grande depressão dos anos 30 (VEJA, 03/04/96).

Mais adiante na mesma reportagem diz que; “Entre desempregados e pessoas alojadas em subempregos precários, existiria no planeta, atualmente, um contingente de 800 milhões de trabalhadores. Essa massa de desemprego seria produto do processo de globalização.” (VEJA, 03/04/96 p. 85). Isso nos faz recorrer ao estudo de informes para a compreensão desse processo.

2.1.4 Globalização

Já não bastam os quinze anos de estudos que dão acesso ao título de bacharel, nem as horas noturnas gastas em aulas de inglês. Além desses conhecimentos, que se transformam em requisitos triviais, as companhias querem gente bem informada, que tenha flexibilidade para trabalhar em áreas diferentes e saiba resolver problemas antes mesmo que eles despertem a atenção do chefe. O perfil desejado é do sujeito ambicioso, crítico e criativo, que faz com que todos se mexam a sua volta (INÁCIO, 1997). Isto reflete bem os requisitos da globalização. Ou seja, a atual situação da economia mundial onde um produto é fabricado em vários países e vendidos em outros, acabando com a restrição de fronteiras (MENEZES, 1997).

Para uma empresa estar dentro dos parâmetros da globalização ela precisa passar por todo um processo de transformação tecnológica e de qualidade em todos os seus setores. Assim ela ganhará um selo (ISSO 9002) que a diferenciara das demais, significando que possui qualidade total.

Estes argumentos caem muito bem, como capa de frente, num processo de transformação social. Servem para justificar o desemprego estrutural, o fim de pequenas e médias empresas, a retirada do Estado de seu papel social histórico. Além disso, reforça a máxima capitalista de que todos têm as mesmas chances e possibilidades de “chegar lá”. A qualidade total “seria” um bem alcançável por todos e, com isso, todos os benefícios de tal conquista (INÁCIO, 1997).

BARBOSA, citado por INÁCIO (1997) diz que o certificado ISSO 9002, documento fornecido pelas instituições internacionais que regem as normas de produção, o qual atesta a qualidade internacional a produtos e serviços, somente é concedido à empresas que mantêm condições de qualidade de vida para seus empregados. Caso contrário esse credenciamento é

negado, exatamente porque a empresa, não apresentando padrões de qualidade de vida no trabalho, não pode assumir qualidade do produto a médio e longo prazo.

Conforme este autor, a qualidade total seria estar no topo, na modernidade, ser o melhor.

Aparentemente, a empresa que oferece qualidade total parece estar realmente preocupada com o bem estar de seus trabalhadores. BOMBANA (1996), citado pelo mesmo autor, diz que vale a pena investir no equilíbrio e bem estar social do quadro de pessoal. Estimular seus funcionários a projetar um futuro com qualidade de vida pode ser um bom investimento para a empresa. Ou seja, o princípio básico deste novo olhar dita que o trabalhador mais satisfeito rende mais.

É claro para alguns, mas não para aqueles que estão alienados e condicionados pela ideologia dominante, que o processo de transformação das empresas, segundo INÁCIO (1997) não está baseado na solidariedade, mas sim na necessidade, por parte das empresas, em ter um trabalhador mais satisfeito, o que concorre para um aumento de produtividade e alcance de uma maior qualidade, facilitando a inserção dos produtos destas empresas num mercado cada vez mais competitivo. Esta satisfação, como já se observou, advém de políticas habilíssimas de manipulação e sujeição do trabalhador.

Em uma declaração à revista VEJA (03/04/1996) o nosso atual presidente da República Fernando Henrique Cardoso disse que “A globalização está multiplicando a riqueza e desencadeando forças produtivas numa escala sem precedentes. Tornou universais valores como a democracia e a liberdade.”

No entanto percebe-se o oposto, é necessário portanto indagar qual riqueza está sendo multiplicada? Na mesma reportagem a qual o presidente fez a declaração, diz que o que vemos é o Estado sem fundos para investir e as corporações com dinheiro saindo pela janela. Os governos vendem usinas, estradas e serviços porque não tem mais dinheiro para bancar investimentos nessas coisas, diferente do privado.

No passado quem fazia as grandes decisões econômicas eram os governos. Agora são as empresas. Ou seja, “as maiores corporações mundiais estão decidindo basicamente o que, como, quando e onde produzir os bens e serviços utilizados pelos seres humanos.” (VEJA, 03/04/1996, p. 85)

Quanto às forças produtivas, elas se deparam com a taxa de desemprego e o fim de milhares de empregos, o que contradiz com as palavras do presidente. E, ao falar em democracia e liberdade, equivocamo-nos ao pensarmos que somos livres. Existe uma liberdade meramente utópica que nos faz cegar diante de uma cortina que separa o real do ilusório. À frente desta cortina está a nossa liberdade de escolha, mas por trás se esconde as nossas limitações.

Na mesma reportagem da revista VEJA, Vicente Paulo Silva declarou que:

“Quando a globalização é usada para melhorar a vida das pessoas descobrindo um remédio, por exemplo, ela é positiva. Mas a tendência é de que se desconsidere o ser humano, aumentando o desemprego e os que estão empregados têm de estar integrados com os avanços tecnológicos” (VEJA 03/04/1996 p. 86).

Mas como estar integrado aos avanços tecnológicos?

Segundo a Folha de São Paulo (29/09/1997), “Procurando ser o chamado profissional globalizado, é importante ter conhecimento de outras línguas, principalmente o inglês, para entender as informações que puder surgir referente aos avanços tecnológicos de sua área.”

Entende-se então que quem não se reciclar será eliminado pela globalização, o que com certeza não serão poucos, pois são muitas as pessoas que sequer são alfabetizadas neste país. Existem milhares de crianças fora da escola, como garantir um futuro para elas se mal podemos garantir o nosso?

“Quem fica à margem desse novo giro do capitalismo está condenado ao atraso e a miséria. Mas quem se adapta a ele nem por isso se sai bem.” (VEJA, 03/04/ 1996 p. 83)

Para PAIVA (VEJA, 03/04/1996), a globalização é um fenômeno tão importante quanto a revolução industrial ou a reorganização capitalista da década de 30. É a

integração econômica dos países. Entretanto, conforme as idéias deste autor, a globalização da economia não é um processo ideológico. É um movimento de transformação social e de produção que vai permitir melhoria da qualidade de vida do cidadão e domínio cada vez maior das potencialidades naturais.

De acordo com as pesquisas de opinião pública, o medo do desemprego é a principal preocupação do brasileiro. O que está provocando todo esse misto de ansiedade e ressentimento se chama globalização.

A forma como o mercado se alastra no processo de globalização acaba por excluir do sistema, grande parte da população mundial, um exemplo claro pode ser apontado a situação do continente africano. Tendo clara essa relação de exclusão, pode-se questionar em que medida o processo de globalização permite melhoria da qualidade de vida do cidadão ? Qual a finalidade básica do sistema que está por trás do processo, se o mesmo não está garantindo sequer o suprimento básico para uma grande maioria ? O que, na verdade, o fenômeno globalização está trazendo para a maioria das pessoas?

Enquanto as relações internacionais estiverem sendo pautadas sob o jugo das relações de força e poder dos países econômica e politicamente superiores, haverá maiores desencadeamentos de crises dramáticas nos países em desenvolvimento. As consequências desse fato, ainda não sabemos, mas pode ser previsível.

Tendo em vista esta relação de forças sobre os consumidores consumidos, como poderemos visualizar a relação de homem no mundo, se nesta relação predomina a substância física e não a construção do homem enquanto sujeito da ação. Na verdade uma não acontece sem a outra, mas de acordo com os espectros que nos mostra a mídia, a tendência é a prevalência da substância, enquanto matéria orgânica, dissociada dos aspectos mais caros para a sobrevivência deste homem, que nem sujeito mais poderá se constituir, pois há muito seu corpo vem sendo expropriado de si mesmo. Como se enquadra aí a responsabilidade da temática Atividade Física e Qualidade de Vida ?

O capitalismo trabalha na aparência uma falsa essência de que um corpo bonito é sinônimo de corpo saudável. Sustentando o discurso de que a atividade física conduz à qualidade de vida.

2.2 Atividade física e qualidade de vida

De repente, é preciso cuidar do corpo, tirar o excesso de gordura, melhorar a “performance”, o visual, e principalmente ter qualidade de vida.

Com este discurso as academias de ginástica e profissionais da área, vem faturando alto.

Os termos saúde, bem estar ou qualidade de vida passaram a ter valores importantes na hora de vender a imagem da atividade física. Assim esta prática têm sido motivo de maiores atenções nos últimos tempos por parte dos consumidores deste novo fenômeno.

Conforme MEDINA (1995), uma sociedade de consumo como a que vivemos, a moda é vista como fenômeno social de tendências comportamentais temporárias, o qual não deixa de ser explorado aos seus limites máximos de lucratividade.

Dentro deste panorama, a Educação Física vem atendendo a toda essa demanda da sociedade de consumo, tratando o corpo como mais um objeto lucrativo.

Não são poucos os profissionais da área, que lançam livros prometendo uma vida melhor. GUISELINI (1996) em seu livro: Um Programa Prático para um Corpo Saudável, diz que; “...ao participar de um programa de exercícios, cuja meta é melhorar a sua qualidade de vida a pessoa terá vários benefícios que a ajudarão a viver melhor.” (p.17)

Mais adiante ele cita alguns exemplos de benefícios, como; “controlar o estresse, reduzir a depressão, eliminar cansaço e melhorar a auto-estima.”

Para as classes sociais mais elevadas, a qual é destinado este discurso, a chance de alcance de benefício será maior, tendo em vista os maiores recursos disponíveis. Mas como fica a situação das classes menos favorecidas, onde os recursos são quase que inexistentes?

Qual o papel da Educação Física neste contexto ?

É neste sentido que MEDINA (1995) nós diz que ;

“Lamentavelmente a Educação Física tem vivido em demasia, ao sabor da moda. Ela tem sido prática condicionada a uma estrutura que a estrutura maior montou para ela. Seus profissionais não possuem um projeto autônomo para colocá-la a serviço da nova coletividade...” (MEDINA, 1995, p. 91)

Ou seja, para ele o profissional da Educação Física deve cumprir o seu papel de agente renovador e transformador da comunidade onde ele poderá representar uma liderança natural.

E completa mais adiante:

“A Educação Física precisa questionar seus valores... É preciso que seus profissionais distingam o educativo do alienante, o fundamental do supérfluo de suas tarefas...”(MEDINA, 1995, p. 35) Cabe a este profissional compreender, então, as bases sócio-filosóficas que sustentam as práticas pedagógicas das novas formas de apreensão do corpo e movimento.

As pedagogias voltadas para o estudo do corpo mostram que, hoje, o homem vive mais do que no passado. Isto se deu devido aos avanços nas áreas relacionadas a saúde, eliminando moléstias. Para GUSELINI (1999), Mesmo com este avanço e toda a tecnologia atual, o homem moderno é vítima do sedentarismo e estresse, fatores estes que reduzem a qualidade de vida, trazendo consigo várias moléstias da atualidade (osteoporose, obesidade, hipertensão arterial, dores na coluna, derrame cerebral, insônia, colesterol alto...).

A ciência vê na prática da atividade física uma “alternativa” para diminuir os efeitos negativos e melhorar a qualidade de vida do homem do ano 2000.

Mas afinal o que é qualidade de vida ?

O conceito de qualidade de vida é muito complexo, sendo impossível dar-lhe um significado estático, por referir-se a aspectos subjetivos além de abranger, conforme Souza (1994):

“Tanto a distribuição dos bens de cidadania , os bens e direitos que uma sociedade em dado momento, julga serem essenciais quanto a de uma série de bens coletivos de natureza

menos tangível e nem por isso menos reais em suas repercussões sobre o bem estar social.” (SOUZA, 1994 p. 15)

O bem estar, ou qualidade de vida , por ser algo vivenciado pela população, não pode ser medido através de indicadores determinantes. Neste sentido, pretender definir bem estar equivaleria a definir para os outros o que eles precisam para viver bem , sem considerar quais condições seriam necessárias para tal.

Qualidade de vida pode ser medida através da quantidade de escolas por habitantes, existência ou não de rede de água, serviço de transporte, posto de saúde ou equipamentos de lazer nos locais de acesso público.

A definição do que é qualidade de vida corresponde aos interesses sob cujo ponto de vista a questão é percebida e difundida. E, como lembra HELLER (1983), “...toda escolha e interpretação de valor tem uma afinidade com determinadas classes, camadas, movimentos sociais, ou com seus interesses e carecimentos...” (HELLER, 1983, p. 143)

Os dados geralmente usados para avaliar o padrão de qualidade de vida de uma comunidade não são simplesmente colhidos na realidade, eles são “construídos” a partir de um determinado conjunto de significados.

É neste sentido que CASTELLS (1986) chama a atenção para o erro de uma visão unificada da sociedade a partir da qual se chega a um modelo de qualidade de vida que não é senão o modelo correspondente ao agente social que detém o poder numa relação de forças.

O conceito de qualidade de vida possui estreita relação com a questão da determinação das necessidades sociais. E, nesse sentido, NUNES (1989), que usa a palavra carência no lugar de necessidade, nos diz que: “A determinação de carências é um processo subjetivo e individual e é realizada mediante escolhas entre carências diversas, e estas implicam reciprocamente opções entre valores e modos de vida.” (p. 68)

E completa mais adiante:

“O conjunto de carências de cada um é apreendido em seu processo de socialização, estão marcados por hábitos, normas, moral social e modificados por sua escolha. De fato, são bens aquilo que se valora como tal.” (p.84)

Ou seja, indivíduos fazem avaliações sobre suas vidas, avaliações que são estruturadas a partir de experiências pessoais. E, embora as respostas a essas avaliações sejam dadas em função de condições de vida particulares, estão integradas à sociedade de forma homogênea.

É preciso, antes de mais nada, que se perceba que qualidade de vida não depende meramente de fazer ou não atividade física. O que determina o bem estar de uma sociedade são as condições em que ela vive e não o que ela deva fazer.

Aqueles que possuem recursos podem vir a melhorar sua qualidade de vida através da atividade física, mas os que não, dificilmente poderão chegar a tal condição somente com a prática delas. É neste sentido que a Educação Física não deveria se preocupar apenas com o bem

estar físico das pessoas, e sim com o bem estar mental e social.

3. ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

O encaminhamento deste trabalho será realizado por revisão bibliográfica que consiste em uma pesquisa analítica, especulativa sendo assim feita através da leitura de livros, artigos, monografias e textos sobre o assunto.

A abordagem metodológica utilizada será a fenomenológica, onde o sujeito e o objeto são elementos da mesma realidade, que é o mundo vivido com seus valores, crenças e ações coletivas, onde ambos se revelam a si mesmos. Portanto, a atitude de pesquisar, considerando o horizonte fenomenológico requer ênfase na observação das relações da vida cotidiana procurando revelar aquilo que ficou encoberto pelas aparências causadas pelos usos, hábitos e linguagem do senso comum.

O método fenomenológico é sobretudo esforço da descrição e interpretação de uma dada situação fenomênica. A apropriação dessa situação se dá através do círculo hermenêutico: compreensão, interpretação, nova compreensão.

4. CONCLUSÃO

Ao fim ao cabo desta pesquisa, pode-se perceber a complexa teia de relações que determinam o modo de ser do homem contemporâneo. Mas esta complexidade se torna transparente quando se pode lançar o olhar mais atento para os meandros das relações de interesses que circundam o conhecimento das mais variadas áreas de ação no mundo globalizado.

A análise das relações de produção no mercado atual aponta para o redimensionamento da visão de corpo e saúde, atividade física e qualidade de vida, pois os documentos explorados mostram os paradoxos dessas relações no instante mesmo em que diferentes autoridades debatem sobre as temáticas chegando à conclusões dramáticas, exaustivamente trabalhadas nesta pesquisa.

Neste sentido a pesquisa trouxe ampliação da visão sobre o tema, pois as hipóteses imaginadas a respeito da relação do mercado da cultura corporal com a própria economia de mercado no processo de globalização foram confirmadas. O corpo é expropriado do próprio sujeito em função da dicotomia corpo-mente cada vez mais exaltada na relação fragmentada das novas formas de educação do cidadão em geral. Uma vez que esta realidade subjetiva torna-se objetiva no sentido mais amplo do consumo, trazendo novas formas de subjetividade do sujeito, corpo e saúde, possibilita novas variáveis de controle da sociedade. Isso implica que o olhar e a prática da Educação Física deve ultrapassar seus próprios preconceitos, pois do contrário corre-se o risco desta área continuar sendo mera engrenagem funcional de um sistema autofágico que, sutilmente, degrada as relações humanas.

Percebe-se, portanto, que a maioria das estratégias utilizadas pelo sistema e relatadas no presente trabalho, servem como subsídios para evitar que os não privilegiados (excluídos) se conscientizem de que seus direitos políticos não se esgotam no momento do voto e, que, seus deveres não se limitam aos pagamentos de tarifas e impostos e à observância de regras e

condutas que os caracterizam como cidadãos normatizados. Além disso, chega-se a conclusão de que a idealização do consumo leva o indivíduo a submeter-se aos valores sociais dominantes e não questioná-los, assim as desigualdades sociais como algo natural.

Se o projeto iluminista previa equidade social através do avanço da ciência, seus idealizadores não contaram com a rapidez do progresso da mídia e sua apropriação pelos interesses dominantes eivados do valor individualista. Se tivessem, previsto isso a mais de duzentos atrás, talvez a realidade social contemporânea não tivesse tomado o rumo da auto-destruição.

Mas pode-se pensar na possibilidade da reversão desse quadro, porém não haverá mudanças, se não houver compromisso político pedagógico no espírito da Educação em todas as sociedades deste mundo. Não é porque um profissional que lida com a saúde de um corpo, está isento da condição de ser um agente passível e sujeito das ações e influências do cotidiano.

Assim, o movimento humano, através da discussão pela compreensão do corpo-relacional, será tido, se não como o redentor, pelo menos como possibilitador de avanços significativos na reestruturação do modo de pensar do homem do terceiro milênio.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Júlia F. **Metrópolis – Cidadania e qualidade de vida** . São Paulo: Moderna, 1993.
- COLETIVO DE AUTORES: **Metodologia do Ensino de Educação Física** . São Paulo: Cortez, 1992. – (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O Cidadão de Papel: A infância, a Adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. 9ª edição, Editora Ática – São Paulo – 1995. Série Discussão Aberta.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. – Record – São Paulo. 1994
- GUISELINI, Mauro. **Atividade física e qualidade de vida** . Site da Internet: Página do especialista, site: informe Photo: <http://www.phote.com> – abril a junho de 1999.
- _____. **Qualidade de Vida: Um programa prático para um corpo saudável**. - São Paulo: Editora Gente, 1996.
- HELLER, Agnes. **A Filosofia Radical**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- INÁCIO, Humberto L.D. **O lazer do trabalhador em um contexto de transformações tecnológicas**. Dissertação de mestrado em Educação, UFSC, 1997.
- MALAGODI, Edgard. **O que é materialismo dialético**. São Paulo: Brasiliense, 1988. Coleção Primeiros Passos, n.º 206.
- MEDINA, João P. S. **A educação física cuida do corpo... e “mente”**. – 13ª edição – Campinas, SP: Papirus, 1995. – (Coleção Krisis)
- MENEZES, Thales. **A globalização ainda vai te pegar**. In: FOLHA DE SÃO PAULO. 29/09/97. p. 1 a 4.
- MORAES, Maria C. M. de. **Materialismo Histórico** - Conferência realizada em Florianópolis em abril/1999.
- NASCIMENTO NETO, Antenor. **A rota global: o que é a globalização que provoca tanto medo e o que pode esperar dela**. In Revista Veja. São Paulo, 03/04/96. p. 80 a 89.

NUNES, Edison. **Carências Urbanas, Reivindicações Sociais e Valores Democráticos.** In

Lua Nova - revista de Cultura e Política, junho 1989.

SEVERINO, Antônio J. **Filosofia.** São Paulo: Cortez, 1994. Coleção Magistério – 2º Grau.

SOUZA, Amaury. **Qualidade de Vida Urbana.** Série Debates Urbanos, volume 7 – Rio de Janeiro. Ed. Zahas 1984.